

Kuieté: dramaturgia e memória em processo de compostagem

Kuieté: dramaturgy and memory in composting processes

Lilian da Silva Corrêa[1]

Resumo

Este trabalho apresenta uma dramaturgia desenvolvida a partir de um exercício coletivo realizado na disciplina Estudos Avançados em Artes da Cena: "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo", ministrada pela professora Martha Ribeiro, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC/UFRJ-ECO), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF), no qual os participantes foram convidados a escolher um objeto capaz de representar aspectos de suas trajetórias de vida. No desenvolvimento do trabalho, a cuia — objeto tradicional produzido a partir do fruto do coité — emerge como elemento central de reflexão. Neste trabalho, a cuia é compreendida como um dispositivo de memória que articula experiências pessoais, território e práticas culturais vinculadas ao município de Careiro da Várzea, no Amazonas.

Por meio da articulação entre escrita e imagens fotográficas autorais, o trabalho investiga modos de narrar a si a partir da relação entre corpo, objeto e paisagem. As imagens acompanham um percurso que atravessa matéria, transformação e travessia, conectando a origem do fruto, o processo de produção das cuias e experiências de deslocamento ligadas ao rio. O texto também incorpora palavras em Nheengatu, língua historicamente associada a diferentes povos indígenas da Amazônia, incluindo o povo Mura, do qual a autora é originária; as traduções dessas palavras aparecem no próprio corpo do texto.

O processo criativo dialoga com debates desenvolvidos ao longo do curso, especialmente com reflexões sobre narrativa, performatividade e fabulação presentes nas obras de Ursula K. Le Guin, Donna J. Haraway, Judith Butler e Diana Taylor. Inspirado pela ideia de compostagem narrativa, o trabalho reúne memórias, imagens, objetos e fragmentos teóricos como matérias que se acumulam, se sobrepõem e se transformam ao longo do processo.

A dramaturgia emerge como um processo de composição que articula escrita, imagem, memória, pertencimento e território em permanente transformação.

Palavras-chave: Dramaturgia; Memória; Território; Compostagem narrativa.

[1] Lilian da Silva Corrêa, nome artistico Lilian da Terra, é graduada em Artes Cênicas – Habilitação em Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ. Desenvolve pesquisas na interface entre artes da cena, antropologia, memória e perspectivas decoloniais. E-mail: daterra.lilian@gmail.com.

Abstract

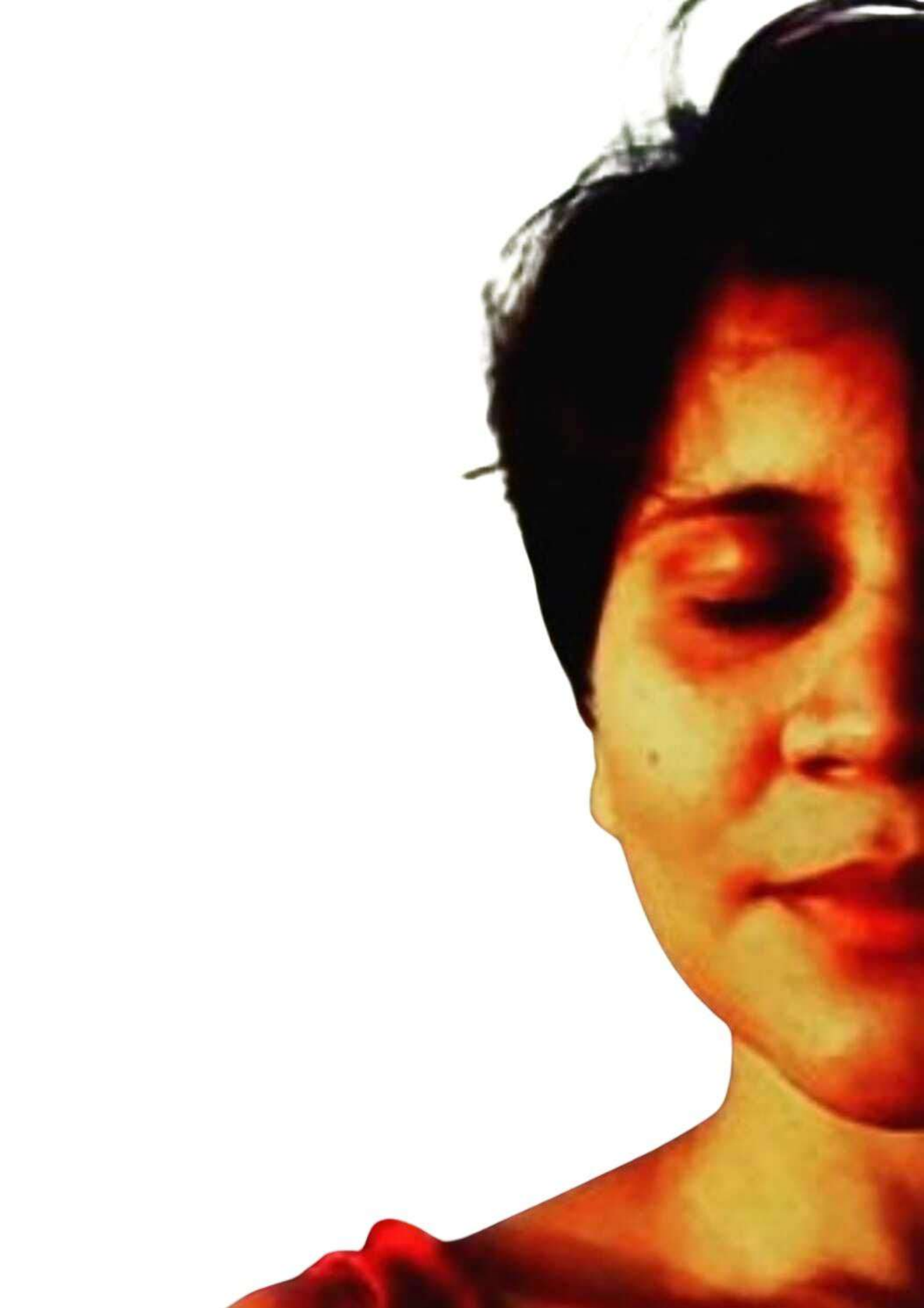
This paper presents a dramaturgy developed from a collective classroom exercise carried out in the graduate course Advanced Studies in Performing Arts: Scenic Rewritings and the Critique of Ethical Violence in Giving an Account of Oneself, taught by Professor Martha Ribeiro within the Graduate Program in Performing Arts (PPGAC/UFRJ-ECO), in partnership with the Graduate Program in Contemporary Arts Studies (PPGCA/UFF). Participants were invited to select an object capable of representing aspects of their life trajectories. Throughout the creative process, the cuia—a traditional vessel made from the fruit of the coité tree—emerges as a central element of reflection. In this work, the cuia is understood as a device of memory that articulates personal experiences, territory, and cultural practices associated with the municipality of Careiro da Várzea, in the state of Amazonas, Brazil.

By combining writing with authorial photographic images, the work investigates ways of narrating the self through the relationship between body, object, and landscape. The images trace a path across matter, transformation, and movement, connecting the origin of the fruit, the process of crafting cuias, and experiences of displacement shaped by the river. The text also incorporates words in Nheengatu, a language historically associated with several Indigenous peoples of the Amazon, including the Mura people, to whom the author belongs; translations are provided within the text.

The creative process engages with discussions developed throughout the course, particularly reflections on narrative, performativity, and fabulation found in the works of Ursula K. Le Guin, Donna J. Haraway, Judith Butler, and Diana Taylor. Inspired by the notion of narrative composting, the work assembles memories, images, objects, and theoretical fragments as materials that accumulate, overlap, and transform throughout the creative process. The resulting dramaturgy emerges as a compositional practice that intertwines writing, image, memory, belonging, and territory in a continuous process of transformation.

Dramaturgy emerges as a compositional process that articulates writing, image, memory, belonging, and territory in a state of constant transformation.

Keywords: Dramaturgy; Memory; Territory; Narrative composting.



COMPOSTAGEM

Dramaturgia

CENA 1 — A CANOA-VOADEIRA

Dentro de uma canoa voadeira, destino Careiro da Várzea-Manaus.
O instante é curto.
Um corpo colorido cai, pesado.
Amuleto.

A criança recebe o papo:
— "É para te proteger".

Ela, a criança, olha curiosa, com os olhos arregalados, tentando entender, depois vocaliza querendo dizer algo, mas é incompreensível. Então abre os braços e faz gesto de pássaro voando.

Uma resposta rápida e sem atenção à criança.

Isso, cunhantã, é isso mesmo.
Seja lá o que isso for.

Entre as pernas dos passageiros, encostada num canto, há uma gaiola.

Dentro dela, um tucano.

O corpo preto e vivo, o bico grande demais para o espaço estreito. Ele se move pouco. Vira a cabeça de um lado para o outro, tentando entender as grades que interrompem o mundo. De vez em quando bate o bico no ferro fino. Um som seco. Pequeno. Quase ninguém percebe.

O rapaz que segura a gaiola não olha para o pássaro. Segura como quem carrega qualquer objeto. Um saco de farinha. Um pacote de peixe. Algo que será entregue em outro lugar.

Ela observa.

O vento bate no rosto, mas o ar dentro da canoa parece pesado. O rio passa rápido dos dois lados, largo, aberto, cheio de caminhos possíveis.

E ainda assim o pássaro está ali, parado, com as asas recolhidas porque não há espaço para abrir.

Ela sente vontade de dizer alguma coisa.

De perguntar por que prender um corpo feito para o voo.
De dizer que aquilo é errado.
Que o pássaro pertence ao ar, à mata, ao barulho das árvores quando o vento passa.

Que aquele bico grande foi feito para anunciar presença no alto dos galhos, não para bater contra arame.

Mas a palavra não sai.

O motor grita mais alto.

As pessoas seguem olhando para frente.

Ninguém pergunta nada.
Ninguém parece ver.

Então ela percebe um silêncio antigo dentro do próprio corpo.

Um silêncio aprendido cedo.
Um silêncio que diz: não cria problema, não fala alto, não interfere.
Um silêncio que aperta o peito e segura a língua atrás dos dentes.

O tucano vira a cabeça outra vez.

Por um instante, os olhos dele encontram os dela.

E naquele olhar breve ela reconhece algo familiar: a sensação de ocupar um espaço pequeno demais para aquilo que o corpo sabe fazer.

A sensação de que o mundo ao redor decidiu antes qual será o destino.

Talvez o pássaro seja vendido.
Talvez morra.
Talvez um dia reste apenas o bico.

Apenas o papo.

Um amuleto.

E a canoa segue viagem, levando os dois dentro de um mesmo tipo de captura.

A criança de novo faz gesto de voo.

Os braços começam a cansar.

A voz adulta se aproxima.

Não pergunta.

Ajusta, baixa os braços da criança, fecha o peito, endireita a postura.

Alinha o corpo.

kirĩ

Silêncio.

A criança permanece imóvel.

O gesto não retorna.

O corpo aprende.

Nessas idas e vindas de percurso pelo rio, distraída pela correnteza, pela paisagem, pelo banho de bubuyá, pelos encontros das águas, a criança cresce.

Kũnyã.

Mulher.

De novo, emite sons, algumas palavras se formam, frases, discursos, aumenta o tom, grita.

De novo, respostas rápidas e sem atenção.

Ela pensa nisso enquanto a canoa corta o rio.

Pensa que, de algum modo, também ensinaram às mulheres um tipo de gaiola invisível.

Não feita de ferro, mas de expectativas, de silêncios, de lugares estreitos onde a voz não pode crescer.

O tucano não abre as asas.

Ela também não fala.

CENA 2 — A CAIXA

Nas escadarias da beira, em Manaus, a mulher encontra uma caixa.

Vermelha com detalhes dourados: o que é colocado dentro dela é de valor.

Uma mulher "de valor" não ocupa espaço demais e não fala alto, dócil, contida, bonita, feita para gerar, sensibilidade, delicadeza e capacidade natural para o cuidado, maternidade é destino, concilia tudo com leveza, corpo da natureza, forte para o trabalho, exótico, primitivo, objeto de estudo, indígena.

Fecha a caixinha vermelha com detalhes dourados.

Normal.

Tudo até aqui é normal.

Naturalmente normal.

Legítimo.

A mulher olha profundamente nos olhos do além e abre um pequeno sorriso.

Ei, Tu, percebeste?

Ao escancarar um pouco mais a boca, ensaiando uma bela gargalhada, a mulher revela que lhe faltam dentes.

Nesse microtempo em que ela começa a abrir a boca, foi possível ver os dentes que lhe faltavam: eram 3 sisos.

E as presas que foram substituídas por dentes de cachorro.

Por isso, dentes caninos!

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKK

KADELA!

XÔ, XÔ, XÔ.
VAZA DAQUI!

É constatação.

Cadela sente antes.

Cadela é perfeita naquilo que é.

CENA 3 — O LIVRO

A mulher então lê o Livro das invenções, escrito por mãos de bruxa.

Dedos quebrados.
Entortados.

Conduzindo histórias espiralares.

Voltam.
Desviam.
Insistem.

Loucas.
Perigosas.
Impróprias.

E, enquanto lê, a mulher sonha.

(In)venta.

Então abre os braços e faz gesto de pássaro voando.

Wirá.

O corpo sabe antes do nome.

Quando os braços se abrem, é estratégia.

O voo é uma leitura do mundo.

Ela aprendeu cedo que atravessar exige rapidez e atenção, que nem todo movimento deve ser anunciado.

O corpo carrega essa inteligência antiga: mover-se sem pedir licença, mudar de direção quando o perigo se aproxima, desaparecer da mira quando é preciso sobreviver.

Há nela o vento que gira e desloca, mas também a precisão de quem observa a mata antes de lançar o passo.

O corpo sente quando é hora de avançar e quando é hora de recolher as asas.

Voar significa atravessar territórios hostis sem se perder de si.

A guerra é feita de desvio, de escuta, de permanência.

A coragem na insistência em continuar viva.

Re só paranã kití!

Vá para o rio!

Açuí a só!

Então eu vou!

CENA 4 — BENZEÇÃO

Antes da travessia maior, o corpo é benzido.

A folha de peregum passa cortando o que adoece.

O pau d'água lava o excesso de mundo.

A dracaena fragrans firma os pés, mesmo quando o chão some.

A espada de Iansã sela o vento no corpo, para que ele não se perca.

A benção ajusta o corpo para o caminho.

Ensina que a força na capacidade de dobrar sem quebrar, de rachar sem se desfazer.



CENA 5 — DESLOCAMENTO

Ela pega um voo carregando no corpo o ruído do deslocamento e o ar rarefeito que encurta a respiração.

Pela janela, vê a mata por cima: um verde espesso, contínuo, que não se entrega inteiro ao olhar.

Lá de cima, o rio se transforma em linha.

O tempo se comprime.

O chão desaparece.

Na bagagem, leva pouco, apenas o indispensável, aquilo que a sustenta.

Entre roupas e pressa, segue a cuia, apertada entre os limites da mala e do trajeto.

Durante a viagem, a cuia racha.

Não se parte completamente, mas guarda no corpo a marca do impacto.

Fissura = Memória.

Memória da violência do deslocamento, da fricção entre mundos que não se ajustam sem choque.

A cuia rachada guarda essa história.

Ela lembra que deslocar-se nunca é apenas mudar de lugar.

É também suportar a tensão entre o que se foi e o que ainda não se sabe ser.

No choque entre territórios, nenhuma forma permanece totalmente intacta.

Algo se abre, se desloca, perde o contorno antigo.

CENA 6 — CIDADE

Ela chega.

Em território de mar.

A mulher se sente perdida.

Há um tipo de coragem que nasce justamente quando não há margem conhecida.

O percurso muda de lógica.

Já não há remo nem correnteza.

Há trilhos.

No trem, o rio vira ferro e a corrente se transforma em horário.

O balanço é seco, repetitivo.

Da zona oeste à zona sul do Rio de Janeiro, o corpo aprende novos ritmos.

Se o trilho fosse rio?

Ela pensa nisso enquanto o trem corre, atravessando bairros como quem corta correntezas invisíveis. O som do ferro contra o ferro se espalha pelo ar.

Um ruído looooooongo, contínuo, como água batendo em casco de madeira. TAC. TAC. TAC. Cada emenda do trilho marca um compasso. Um ritmo que entra pelos pés e sobe pelas pernas até encontrar o centro do corpo.

Se o trilho fosse rio, talvez o trem fosse uma canoa comprida demais.

Uma canoa cheia de gente, cada uma carregando suas travessias. Corpos encostados, sacolas pendendo dos braços, olhos cansados olhando pela janela como quem procura margem. Ninguém rema, mas todos estão sendo levados por uma corrente que não aparece.

O percurso também tem suas curvas.

Às vezes o trem diminui, como embarcação entrando em trecho raso. Às vezes acelera, como quem pega força na descida da água. E há momentos em que o caminho mergulha em túneis, escuros, úmidos, como se o rio tivesse entrado por dentro da própria terra.

Se o trilho fosse rio, cada estação seria um pequeno porto.

Gente que chega.
Gente que parte.
Gente que fica esperando a próxima embarcação.

Portas que abrem como se fossem trapiches improvisados, recebendo e soltando corpos num fluxo contínuo. O trem pára, respira, e logo segue de novo. Como se soubesse que a viagem não pode demorar muito em cada margem.

Ela começa a perceber que a cidade também tem suas águas.

Não são águas visíveis. São correntes feitas de pressa, de passos, de horários. Correntes que puxam os corpos para frente, que organizam o dia em trajetos repetidos. Há gente que atravessa o mesmo caminho todos os dias, como quem percorre um braço de rio conhecido.

Mas ainda assim o corpo estranha.

Porque o rio verdadeiro não anda em linha reta.

O rio dobra, contorna, se espalha, volta sobre si mesmo. Já o trilho exige fidelidade: dois caminhos paralelos que não se encontram, que seguem firmes até desaparecer no horizonte de concreto.

Mesmo assim, algo dentro dela tenta traduzir.

Talvez seja o corpo que aprendeu a viver em movimento. Talvez seja a memória das águas que ainda corre nas pernas. Enquanto o trem sacode, ela ajusta o equilíbrio, solta um pouco os joelhos, acompanha o balanço.

Por um instante breve, quase parece navegação.

Se o trilho fosse rio, o trem seria correnteza de metal. E os passageiros, pequenos viajantes atravessando o dia, sem perceber que também estão sendo levados por uma água invisível.

Ela encosta a cabeça no vidro da janela.

Lá fora, os prédios passam rápidos, como árvores vistas da margem de uma canoa em movimento. Tudo corre para trás enquanto o corpo segue para frente. O mundo vira paisagem.

Talvez seja isso que a cidade faz: inventa outros rios.

Rios de ferro.
Rios de gente.
Rios de pressa.

E no meio deles, o corpo aprende a remar de outro jeito.

Sem remo.

Apenas equilibrando o próprio peso dentro da travessia.

Ajusta o centro.
Distribui o peso.

Há um tipo de sabedoria que nasce desse esforço silencioso de não cair.

Porque atravessar não é manter tudo intacto.

A travessia sempre deixa marcas.

No corpo, no pensamento, nas coisas que a gente carrega.

No vai e vem entre territórios, algo inevitavelmente racha, desloca, perde o encaixe antigo.

Mas nem tudo que racha deixa de servir.

Ainda assim, a cuia rachada continua servindo.

Ainda recebe água.

E nesse gesto simples, ela entende que sobreviver não é chegar inteira, mas seguir apesar da fissura.

O que busca não é apagar o que se partiu, mas continuar se constituindo, sem desaparecer, insistindo em ser.



CENA 7 — CUIA

O corpo guarda.

E segue.

A cuia pode trincar, ainda assim, sustenta.

Como cuia.

O corpo guarda.

O corpo sabe.

O corpo segue.

Cuia, dura.

Pronta para receber.
Pronta para acolher.
Pronta para carregar.
Armazenar.

Águas.
Silêncios.
Rumos.

Enche bucho de xibé.
Banha no igarapé.

Coité.

Kuieté.

CENA 8 — PLANTIO

Ela pensa na árvore antes mesmo de tocar a terra.

Não é uma ideia repentina. É uma memória que chega devagar, como cheiro de chuva que se anuncia antes da água cair. O pensamento vem acompanhado de outras sensações: o cheiro úmido da terra virada, o som das folhas se encostando umas nas outras quando o vento passa, o peso de um fruto ainda verde pendurado no galho, guardando em silêncio aquilo que um dia será cuia.

Plantar uma árvore nunca foi apenas plantar uma árvore.

Ela entende isso agora, enquanto firma os próprios passos em um território que também precisou aprender a cultivar: o lugar do estudo, da palavra, da decisão. Durante muito tempo disseram que aquele espaço não era feito para corpos como o dela. Disseram com gestos, com silêncios, com respostas rápidas e impacientes, daquelas que encerram uma pergunta antes mesmo dela nascer inteira.

Mas árvore não pergunta se pode crescer.

Ela cresce.

Mesmo quando o solo é duro, mesmo quando a sombra de outras árvores tenta impedir a luz de chegar. A raiz insiste. Procura frestas invisíveis. Desce devagar, contorna pedras, aprende a se firmar no que encontra. A raiz não pede licença ao mundo. Ela se infiltra.

Enquanto pensa nisso, a mulher passa os dedos pela terra. A textura é fria no começo, depois morna, depois viva. Pequenos grãos ficam presos nas linhas da pele. Há um cheiro mineral que sobe do chão, cheiro de barro, de folha apodrecida, de tempo trabalhando devagar por baixo da superfície.

Estudar também foi assim.

No início parecia um território estranho, cheio de regras que não falavam a língua do corpo que ela trazia. O som das salas, o arrastar das cadeiras, o ruído seco das páginas sendo viradas, o eco das palavras difíceis repetidas com naturalidade por quem sempre esteve ali. Às vezes era como tentar respirar em um ar rarefeito.

Mas o corpo aprende.

Aprende o ritmo das coisas novas como entrar em uma mata desconhecida pela primeira vez. Primeiro tudo parece barulho. Depois os sons começam a se separar: o estalo de um galho, o canto de um pássaro, o farfalhar de um bicho pequeno atravessando as folhas.

No meio desse aprendizado, ela percebe que também está plantando alguma coisa.

Cada leitura é uma semente. Cada página sublinhada abre um pequeno buraco no chão duro do mundo. Cada pergunta que ela ousa fazer empurra a raiz um pouco mais para baixo, buscando água em camadas onde quase ninguém olha.

Plantar os estudos é também plantar coragem.

Coragem para ocupar espaço. Coragem para falar quando a voz insiste em tremer. Coragem para entender que o conhecimento não nasce apenas nas bibliotecas ou nos arquivos, mas também no corpo que atravessa rios, no gesto de preparar um alimento, na memória que passa de mãe para filha sem precisar de papel.

Ela pensa na árvore que ainda não existe, mas que já está começando.

Talvez demore anos para crescer. Talvez ela nem esteja ali quando o primeiro fruto cair maduro no chão. Mas isso não diminui o gesto de plantar. Pelo contrário. Plantar é aceitar um tempo que ultrapassa o próprio corpo.

O vento passa e levanta um cheiro verde das folhas próximas. Há um som suave de galhos se encostando, como se as árvores conversassem em uma língua lenta.

Ela percebe que também está se firmando.

Tronco que aprende a sustentar o próprio peso. Como raiz que encontra água onde parecia não haver nada. Como árvore que decide crescer mesmo quando o mundo ao redor duvida da sua permanência.

(Canta Luedji Luna)

Eu sou uma árvore bonita.

Eu sou um pé de fruta-fé

Às vezes fruta-sonho

Os estudos, agora, não são apenas uma travessia individual. São um território que ela prepara para quem virá depois.

Uma filha. Outras mulheres. Outros corpos.

Como a cuia que um dia nasce do fruto da árvore, o conhecimento também precisa de tempo para endurecer, para ganhar forma, para se tornar recipiente. Algo capaz de guardar água, guardar alimento, guardar histórias.

Ela imagina esse futuro com o mesmo cuidado de quem segura um fruto recém-colhido nas mãos.

A casca lisa. A superfície ainda morna do sol. O cheiro leve de seiva. O peso exato que anuncia que ali dentro existe um espaço vazio, pronto para receber mundo.

É isso que ela está fazendo agora.

Abrindo espaço.

Firmando raiz.

Plantando um tempo que talvez floresça mais adiante, quando outra voz , talvez a da filha, encostar os pés nessa mesma terra e perceber, sem precisar perguntar, que aquele chão já foi preparado antes.

E que crescer também é uma forma de memória.

CENA FINAL — A CHEIA

Ela conhece o movimento da cheia desde antes de saber explicar o que era um rio.

Em Careiro da Várzea, o rio não chega de uma vez. Ele avisa. Primeiro a água encosta mais perto da margem, silenciosa. Depois volta no dia seguinte um pouco mais alta, como quem testa o caminho. As raízes sentem antes do olho perceber. O chão começa a ficar mole, pesado de água. O ar muda de cheiro: mistura de barro molhado, folha apodrecendo devagar, madeira úmida que respira.

O Rio Solimões sobe como quem respira fundo.

O Rio Negro sobe.

O Rio Madeira sobe.

Devagar, mas sem pedir licença.

Primeiro ele toma o caminho entre os pés de mandioca. Depois cobre as linhas de plantio. A água se espalha pelo terreiro como um corpo grande procurando lugar para deitar. As palafitas, que antes pareciam altas, começam a perder as pernas. A água sobe pelos troncos, pelas estacas, pelos degraus.

Até que um dia a casa também está dentro do rio.

Então a vida muda de altura.

As tábuas são levantadas. O assoalho cresce. Novas madeiras aparecem atravessando o espaço, improvisando caminhos dentro da própria casa. O barulho do martelo ecoa seco sobre o som largo da água. A casa aprende a viver suspensa, enquanto lá embaixo o rio passa.

Lá fora, no antigo chão de plantio, as árvores começam a desaparecer.

Primeiro os pés mais novos. Depois os troncos mais finos. As folhas ainda tentam respirar acima da superfície, mas o espelho da água sobe devagar, cobrindo tudo. Algumas árvores resistem. Outras não conseguem.

Quando a cheia vem grande, o que era terra vira mundo submerso.

Debaixo da água continuam as raízes, as sementes, os restos de planta que não sobreviveram. O rio passa por cima como quem escreve outra história por um tempo. Depois, quando decide recuar, deixa para trás um chão diferente: lama grossa, galhos mortos, mas também terra nova, escura, cheia de força.

Nem tudo volta.

Mas alguma coisa sempre fica.

Ela pensa nisso enquanto observa o próprio caminho.

A vida também tem suas cheias.

Há momentos em que o mundo sobe pelas margens da gente sem pedir licença. Os territórios que pareciam firmes desaparecem por baixo de uma água que não dá para controlar. As perguntas aumentam, os medos também. Algumas certezas afundam como planta jovem que ainda não criou raiz funda.

Mas há coisas que aprendem a resistir dentro da água.

A mulher percebe que sua vida também precisou subir de altura muitas vezes. Levantar o assoalho do pensamento. Inventar novos apoios para continuar caminhando quando o chão antigo já não existia.

Os estudos, as escolhas, o gesto de decidir por si mesma, tudo isso foi também uma forma de construir palafita dentro da própria vida.

Não para fugir da água.

Mas para atravessá-la.

Ela sabe que nem tudo que plantou vai permanecer. Algumas ideias vão se perder, alguns caminhos não vão resistir ao peso das correntezas do tempo. Assim como as árvores do terreiro, algumas coisas simplesmente não sobrevivem às grandes águas.

Mas isso não significa que o plantio foi inútil.

Quando o rio recua, a terra volta diferente. Mais escura. Mais funda. Cheia de restos do que passou. É dessa mistura, de perda, de decomposição, de tempo, que nasce a força do próximo plantio.

Talvez ancestralizar seja isso.

Aceitar que um dia o rio também vai subir sobre o próprio corpo. Que o tempo vai cobrir a presença com uma camada lenta de distância. Mas confiar que alguma coisa permanece debaixo dessa água: raízes invisíveis, sementes esquecidas, pequenas forças que continuam trabalhando em silêncio.

Ela imagina esse momento sem tristeza.

Pensa que, quando chegar a hora de virar memória, gostaria de ser como essas árvores que resistem à cheia. Não necessariamente as maiores, nem as mais vistosas, mas aquelas que criam raiz funda o suficiente para esperar o rio passar.

E se não resistir inteira, que ao menos deixe algo na terra.

Uma semente.

Uma pergunta.

Um gesto.

Algo pequeno.

Que, quando o rio do tempo recuar, permita que outra pessoa pise naquele chão e perceba, talvez sem saber explicar por que, que ali já houve vida trabalhando antes.

Que ali já houve alguém plantando.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Submetido em: 13 mar. 2026
Aprovado em: 4 ago. 2026